

CARDITA, Ângelo Manuel dos Santos. *Reforma litúrgica para quê?* revisitando a *Sacrosanctum Concilium*. Coleção Theologica. São Paulo: Edições Loyola, 2018.

Anderson Messina Perini

A obra “Reforma litúrgica para quê?” de Ângelo Manuel dos Santos Cardita busca realizar uma análise crítica sobre os cinquenta anos da aplicação da Constituição Dogmática *Sacrosanctum Concilium* a partir da “História dos efeitos” e o método bakhtiniano. Sua principal análise é o conceito de participação ativa dos fiéis como chave de toda reforma e sua relação com o Movimento Litúrgico.

Ângelo Manuel dos Santos Cardita é português, graduado em Teologia pela Universidade Católica Portuguesa em Porto, mestre em Liturgia pelo Instituto Superior de Liturgia, doutor em Teologia Sistemática pelo Pontifício Ateneo Santo Anselmo de Roma. Fez Pós-Doutorado pela UFSCAR (Universidade Federal de São Carlos) e na Catholic University Leuven na Bélgica na área de Ciências Humanas. Atualmente é professor auxiliar na Faculdade de Teologia e Ciências da Religião da Université Laval em Quebec no Canadá. Sua área de atuação é a Teologia, com ênfase em Teologia Sacramental e Teologia Prática, atuando nos temas de hermenêutica simbólica, ciência litúrgica, antropologia do rito e epistemologia teológica. Essa obra que apresentaremos foi publicada sob a responsabilidade da Faculdade de Teologia FAJE (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia) de Belo Horizonte, MG, pelas Edições Loyola, e faz parte da Coleção Theologia.

A obra é dividida em quatro capítulos, tendo um prefácio do próprio autor com o título “Para início de conversa” e encerra com uma conclusão geral, pois cada capítulo tem sua conclusão.

Ele inicia sua obra com o prefácio fazendo uma análise crítica sobre a recepção da *Sacrosanctum Concilium* e aplicação da reforma que foi a partir da instituição e não pela base da igreja, sem levar em conta a inculturação. Apesar dos padres conciliares formarem a maioria quase unânime de uma ruptura da forma celebrada até então, a reforma focou na sua revisão ritual sem qualquer sincronismo pastoral, teológico e magisterial em toda sua amplitude. Na prática a

ação ritual encontra-se reduzida a textos e formulários. O autor afirma que não houve espaço para promover a participação ativa, consciente e piedosa dos fiéis, mas na prática há uma hegemonia racionalista e “textocrática”. Assim, o livro reúne elementos de estudos para compreensão hermenêutica e renovada da participação ativa na liturgia, bem como para uma revisitação crítica da *Sacrosanctum Concilium*.

O capítulo um tratou sobre a “Recepção e hermenêutica da Reforma Litúrgica à luz de uma ‘História dos efeitos’ da *Sacrosanctum Concilium*”. O capítulo é subdividido em quatro pontos. O primeiro traz os pressupostos e o esquema hermenêutico, a genealogia e o fulcro da questão litúrgica e uma *Wirkungsgeschichte* (história dos efeitos em alemão) da *Sacrosanctum* para uma leitura situada. Nesse capítulo trata de temas importantes como a dificuldade da modernidade e da pós-modernidade com o rito, a necessidade de se redescobrir o sentido religioso da liturgia no contexto atual, e a centralidade da ação ritual para o ato de fé como manifestação da Revelação.

No ponto sobre a História dos efeitos nos apresenta três círculos hermenêuticos para a Reforma Litúrgica: o Movimento Litúrgico no século XX, a Reforma Litúrgica promovida pelo Concílio Vaticano II e a atualidade da questão litúrgica cinquenta anos após sua promulgação. A partir disso faz uma análise em cada círculo hermenêutico, as contribuições do Movimento Litúrgico e seus protagonistas, a colaboração dos papas, sobretudo, Pio X e Pio XII e a *Mediator Dei*, a questão da participação ativa presente no movimento e as distinções do sacerdócio ministerial e comum. Abre-se a questão de equívocos sob o perfil da reforma. O equívoco racionalista, uma busca de explicar tudo do rito. A Liturgia como rito deve se expressar por si mesmo, é uma linguagem diferente de outras. E o equívoco moralista, que de um lado busca fazer uma ligação entre liturgia e vida, não que essa não expresse a vida, mas ela é um suspender do cotidiano. De outro, a ligação entre liturgia e moral, não que a ação litúrgica acomuna na vida ética, mas atua de forma diferentes.

Na atualidade litúrgica, as dificuldades do ser humano moderno diante do agir ritual e os desafios da reforma em continuidade do Movimento Litúrgico. Na conclusão destaca-se algumas contribuições da Reforma Litúrgica e sua história dos efeitos. A reforma reencontrou os pressupostos culturais, antropológicos e sociológicos diante da dicotomia da variável e invariável. A superação da confusão entre participação consciente e consciência da participação: a liturgia deve levar a participação integral do ser humano: corpo, memória e coração. E por fim, a liturgia com superação da dicotomia da interioridade e exterioridade, como espaço transacional.

O segundo capítulo tem como título “A primeira e necessária fonte do espírito cristão” (SC 14), Liturgia e dialogismo no Concílio Vaticano II. Nesse

capítulo, o autor faz uma análise da SC n.14 a partir da metodologia de Mikhail Baktine. Ele apresenta um verdadeiro problema posto a liturgia, visto que o acolhimento dessa novidade da SC 14, que é a participação plena, cônica e ativa dos fiéis, depende de um complexo processo de diálogo, e é necessário superar a dificuldade da dicotomia presente na liturgia que opõe continuamente a estética e a ética. Inspirado em Bakhtin, o autor abre a possibilidade de se compreender a liturgia como divina carnavalização, entendendo-a com expressão artística e contexto de festa.

O terceiro capítulo traz o título “O coração do Movimento Litúrgico, cinquenta anos antes da *Sacrosanctum Concilium*, cinquenta anos depois”. Nesse capítulo, o autor faz uma avaliação analítica de contextos diferentes entre a modernidade no tempo do Movimento Litúrgico e a pós-modernidade e a aplicação da reforma do Concílio. De um lado, o Movimento Litúrgico buscava ser um apelo de uma reconstrução do mundo cristão, um programa de ação em reação a modernidade devido a secularização. Era uma busca de revalorizar a Igreja Católica tirando de uma crise provocada pela modernidade. Já o contexto da pós-modernidade é valorizado a emoção entendida como forma de adaptação ao esvaziamento simbólico da modernidade. Diferente da modernidade, que a religião ficou como algo marginal, hoje temos um mercado das religiões, onde cada um se apropria de certos aspectos para fazer sua religião. É uma recusa a toda autoridade externa e a valorização absoluta da experiência pessoal e emocional. Como resposta a isso, o autor centra a importância da participação ativa como fonte da espiritualidade cristã com a revolução pós-moderna. E contra o individualismo, a importância da dimensão eclesial-comunitária da liturgia. Aqui ele faz a análise da participação ativa a partir de autores clássicos do Movimento Litúrgico tais como Beauduin, Casel, Guardini. Faz críticas as resoluções do *Motu Proprio “Summorum Pontificum”* de Bento XVI, que na tentativa de unir e dialogar com uma pequena seita de cismáticos que recusam o Concílio Vaticano II, configurou um retorno a um movimento tradicionalista dentro do seio da Igreja e sucumbiu ao fascínio da religião *à la carte* e da *bricolage* ritual do individualismo pós-moderno.

O último capítulo traz a temática “A *Sacrosanctum Concilium* e a ritualidade litúrgica na cultura do nosso tempo”. Aqui trata de três pontos fundamentais. Primeiro as quatro posições diante do Concílio e quatro tendências da ritualidade litúrgica no presente: três aceitações: uma moderada, a outra avançada e outra uma aceitação formal com guinadas à direita; e uma última como recusa do Concílio. Cada uma produz uma ritualidade diferente. No segundo ponto apresenta a ritualidade na *Sacrosanctum Concilium* no espírito de reforma e participação, destacando suas realidades histórica, cultural, antropológica, religiosa e à luz do mito que se reatualiza. E por fim, o valor permanente da

Sacrosanctum Concilium como mediação ritual numa cultura da imediatez midiática.

Na conclusão geral faz uma avaliação de toda sua obra destacando a importância da continuidade e valorização da *Sacrosanctum Concilium* na pós-modernidade, sobretudo, em avanços na participação ativa e na inculturação. Nos alerta que as implicações do “*Summorum Pontificum*” de Bento XVI são evidentes uma recusa ao Concílio Vaticano II e um retroceder clerical de uma nostalgia de um passado idealizado. Atesta a importância da liturgia de que tudo pode mudar, exceto a sua referência fundamental à história de Jesus e ao seu mistério pascal. E que tal experiência deve ser integral, tanto cognitiva como emocional, trazendo seus aspectos como memorial ativo, afetivo, ético e estético. E que é necessário continuar a ler a *Sacrosanctum Concilium* não como algo do passado, mas um testemunho amoroso daqueles que nos precederam na vida da fé, para que a nossa fé viva. Assim, não há sã Tradição sem abertura e um diálogo contínuo, sobretudo, se não há acesso à autêntica fonte da espiritualidade cristã que é o Mistério Pascal de Jesus Cristo.

Destaca-se que a obra ainda continua atual e está em consonância e antecipa críticas apontadas pelo atual magistério do Papa Francisco. O atual papa buscou frear os avanços da recusa ao Concílio Vaticano II com as cartas apostólicas *Traditionis Custodes* e a *Desiderio Desideravi*.

A obra de Cardita apresenta quatro posições da ritualidade diante do Concílio, três aceitações (uma moderada, a outra avançada e outra uma aceitação formal com guinadas à direita) e uma última como recusa do Concílio ainda continuam pertinentes de análise. A sua maior contribuição foi trazer uma panorâmica da história dos efeitos e a avaliação de cem anos da gênese da Reforma e do Movimento Litúrgico e seus autores, que contribui para uma nova visão da ritualidade, atualidade e aplicabilidade dessa reforma e seus desafios na pós-modernidade. Nos mostra ainda a importância da *Sacrosanctum Concilium* como um testamento amoroso e cume de um desdobramento histórico que não pode ser apagado. Suas aplicações e compreensão ainda não foram suficientes entendidas diante da pluralidade de vozes tanto na cultura pós-moderna quanto no interior da própria Igreja. Sua posição é bastante liberal no sentido que nos apresenta que na Liturgia tudo pode mudar, exceto sua referência fundamental à história de Jesus Cristo e seu mistério pascal. Para isso, ele apela a importância da participação ativa, consciente, piedosa e frutuosa na Liturgia, a inculturação e a visão das suas dimensões como memorial ativo, afetivo, ético e estético para uma experiência pessoal e integral de Deus e de seu mistério pascal. Esse será, segundo sua perspectiva, o acesso a fonte e cume da vida e espiritualidade da experiência autêntica cristã.

Faço a observação que essa obra se destina, sobretudo, a estudantes e

amantes de liturgia devido a seu vocabulário acadêmico, mas é uma obra referencial para compreendermos o desenvolvimento histórico e seus efeitos da aplicabilidade e atualidade da Reforma Litúrgica resultante da *Sacrosanctum Concilium*.

Anderson Messina Perini

Mestrando em Teologia pela PUC/SP. Sacerdote católico. Atualmente Administrador paroquial da paróquia Jesus Bom Pastor, em Santo André (SP). Incardinado na diocese de Marília (SP). Atuou como professor de Teologia Sistemática, Liturgia e Sacramentos; e Introdução à Filosofia no Curso de Teologia para Leigos e Consagrados e no Seminário São Pio X. Foi assessor diocesano de Liturgia.